

“LOIRONA”,<sup>1</sup> DE DOROTHY PARKER“BIG BLONDE”,<sup>2</sup> BY DOROTHY PARKER*Mariana Chaves Petersen*<sup>3</sup>

**RESUMO:** O conto “Loirona” (1929), de Dorothy Parker, conta a história de Hazel Morse: seus (des)afetos, suas estratégias de sobrevivência – e também sua dependência de bebidas alcóolicas e sua depressão. Apesar de o texto trazer temas de interesse atual e de já ter duas traduções publicadas no Brasil, nenhuma delas é recente. O conto apresenta muitos diálogos e é cheio de gírias relativas ao consumo de bebidas alcóolicas, termos que caracterizam os Estados Unidos da Lei Seca dos anos 1920 e 1930. Nas traduções anteriores, isso resultou em escolhas que hoje se encontram datadas, uma vez que ambas trazem termos populares da língua portuguesa das décadas de 1970 e 1980. Nesta tradução, meu objetivo foi tornar o texto interessante para um(a) leitor(a) de 2016, sem facilitá-lo. Também tentei manter o ritmo do original e um certo estranhamento quando acreditei ser pertinente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dorothy Parker, Loirona, Literatura Norte-Americana, autoria feminina, Lei Seca.

**ABSTRACT:** The short story “Big Blonde” (1929), by Dorothy Parker, tells Hazel Morse’s story: her (dis)affections, her survival strategies – as well as her alcohol dependence and her depression. In spite of bringing themes of current interest and of having two translations published in Brazil already, none of them is recent. The story presents many dialogs and is full of slang relative to alcohol consumption, terms that characterize the United States of the Prohibition of the 1920s and 1930s. In the previous translations, this resulted in choices that are now outdated, since both bring

---

<sup>1</sup> A escolha de traduzir “Big Blonde” por “Loirona” se deu por três razões: 1) por trazer a ideia de se ser loira 2) de se ser grande 3) e de se ser uma mulher altamente sexualizada, vista como um *sex symbol*, o que condiz com como a personagem principal é vista no conto (ao menos no começo da história). Creio ter mantido, assim, esses três sentidos presentes no original. Ruy Castro traduziu o título como “Big loira” [In: Parker, Dorothy. *Big loira e outras histórias de Nova York*. Tradução de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 87-118], que também mantinha essas conotações na época de sua tradução, quando a expressão “big” era muito usada em alguns contextos no Brasil. Hoje, no entanto, seu uso não é mais recorrente. Esther Mesquita optou pelo título “Loura e grandalhona” [In: Moraes, Vinicius de (Coord.). *Contos norte-americanos: os clássicos* (1974). Vários tradutores. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 316-335], que traz as noções de ser loura e grande, mas não a da sensualidade; pelo contrário: “grandalhona” dá a ideia de alguém desengonçada, que não é necessariamente atraente.

<sup>2</sup> Traduzido a partir do original publicado em: Parker, Dorothy; Meade, Marion (Ed.). *The portable Dorothy Parker*. New York: Penguin Classics, 2006, pp. 187-210.

<sup>3</sup> Mestranda em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

popular terms from the Portuguese language of the 1970s and 1980s. In this translation, my objective was to make the text interesting to a 2016 reader, without making it easier. I also tried to maintain the original's rhythm and a certain estrangement when I believed to be pertinent.

**KEYWORDS:** Dorothy Parker, Big Blonde, American Literature, female authorship, Prohibition.

Hazel Morse era uma mulher grande, clara, do tipo que incita alguns homens, quando eles usam a palavra “loira”, a morder os lábios<sup>4</sup> e sacudir a cabeça maliciosamente. Orgulhava-se de seus pés pequenos e sofria por sua vaidade, encaixotando-os em sapatos de bico redondo e de salto alto, do menor tamanho suportável. O curioso sobre ela eram suas mãos, estranhas terminações para seus flácidos braços brancos, salpicados de pálidos pontos bronzeados – mãos longas, estremecidas, com unhas longas e convexas. Ela não deveria tê-las desfigurado com pequenas joias.

Não era uma mulher dada a recordações. Aos trinta e poucos anos, seu passado era uma sequência turva e oscilante, um filme imperfeito, lidando com as condutas de estranhos.

Aos vinte anos, depois da morte postergada de uma apagada mãe viúva, tinha trabalhado<sup>5</sup> como modelo em uma loja de roupas por atacado – ainda era a época do mulherão, e ela era bem corada, empinada, com os seios em pé. Seu trabalho não era oneroso, e ela conhecia muitos homens e passava muitas noites fora<sup>6</sup> com eles, rindo

---

<sup>4</sup> No original, “click their tongues.” Mesquita optou por “lambendo os beijos” em sua tradução, e Castro, por “línguas para fora.” Escolhi “morder os lábios”, pois, apesar de não envolver a língua, parecer uma atitude mais comum nesse contexto, deixando clara a atração sexual presente.

<sup>5</sup> Enquanto, em inglês, o past perfect só é possível com o auxiliar “had”, em português, tem-se duas opções para o pretérito mais-que-perfeito: usando ou não o auxiliar “ter.” No entanto, nesta tradução, escolhi usar sempre a locução verbal no uso do mais-que-perfeito por duas razões: 1) menor estranhamento, uma vez que, na língua falada, praticamente só a locução é usada; 2) tentativa de manter, mesmo na língua portuguesa, uma similaridade de estrutura com o original, em língua inglesa.

<sup>6</sup> No original, Hazel passa diversas “evenings” com os homens, o que não quer dizer que dormiam juntos, uma vez que “evening” significa o início da noite, e não a noite inteira, excluindo, assim, o momento em que se vai se deitar para dormir. Dessa forma, optei por “noites fora”, pois, sem o “fora”, em português, poderia parecer que Hazel dormia com todos os homens, o que não é explicitado na história em inglês.

de suas piadas e dizendo que adorava suas gravatas. Os homens gostavam dela, e ela não dava bola para o fato de que agradar aos homens era uma coisa desejável. A popularidade parecia, para ela, valer cada esforço para ser alcançada. Os homens gostavam de você, porque era divertida, e, quando eles gostavam, eles a levavam para sair, e era isso. Assim, com sucesso, ela era divertida. Era gente boa.<sup>7</sup> Os homens gostavam de alguém gente boa.

Nenhuma outra forma de diversão, mais simples ou mais complicada, chamava sua atenção. Ela nunca ponderava se não poderia estar melhor ocupada fazendo outra coisa. Suas ideias, ou melhor, suas aceitações, acompanhavam bem às de outras loiras de constituição substancial em quem ela encontrava amizade.

Quando estava trabalhando na loja de roupas há uns anos, conheceu Herbie Morse. Ele era magro, rápido, atraente, com inconstantes linhas sobre seus olhos brilhantes, castanhos e um hábito de morder ferozmente a pele ao redor de suas unhas. Ele bebia abundantemente; ela achava isso divertido. Seu cumprimento de costume pare ele era uma alusão a seu estado da noite anterior.

– Ah, que moça bonita<sup>8</sup> estava com você – ela costumava dizer, com sua risada fácil. – Achei que você ia morrer, o jeito que ficava pedindo pro garçom dançar com você.

Ela gostou dele de imediato quando se conheceram. Ficou enormemente entretida pelas frases rápidas, enroladas dele, suas interpolações de expressões pertinentes de atos de vaudeville e de tirinhas de quadrinhos; ela se empolgava ao sentir seu braço magro metido firme sob a manga do casaco dela; ela queria tocar a superfície molhada, lisa de seu cabelo. Ele se sentiu prontamente atraído por ela. Casaram-se seis semanas depois de terem se conhecido.

---

<sup>7</sup> A expressão original, que se repete ao longo do conto, é “good sport”, bem datada dos EUA da década de 1920. Castro traduziu ora por “mulher que se dá bem”, ora por “boa praça”; Mesquita optou por “bom gênio”, que parece ter sido uma boa escolha para a época de sua tradução, mas que é datada hoje. “Gente boa” é mais atual e passa a ideia de alguém que está disposta a topiar o que os outros quiserem fazer, sem reclamar ou causar transtornos; alguém que se molda às necessidades dos outros, como Hazel era vista, de verta forma.

<sup>8</sup> O original, “peach”, parece funcionar aqui como “moça bonita”, provavelmente em um sentido jocoso, referindo-se ao garçom.

Ela ficou encantada com a ideia de ser uma noiva; flertou, brincou com ela. Tinha recebido outras propostas de casamento, e não foram poucas, mas aconteceu que elas vieram todas de homens robustos, sérios que tinham visitado a loja de roupas como compradores; homens de Des Moines e Houston e Chicago e, nas palavras dela, lugares ainda mais engraçados. Tinha sempre algo imensamente cômico, para ela, na ideia de morar em outro lugar que não fosse Nova York.

Ela queria se casar. Estava beirando os trinta agora, e os anos não lhe fizeram bem. Alargou e amoleceu, o cabelo escurecendo a levou a experiências amadoras com água oxigenada. Houve momento em que teve pequenos lampejos de medo quanto a seu emprego. E ela tinha passado umas boas mil<sup>9</sup> noites sendo gente boa entre seus conhecidos homens. Tinha se tornado mais consciente do que espontânea quanto a isso.

Herbie ganhava o bastante, e eles foram para um pequeno apartamento lá na zona residencial. Tinha uma sala de jantar com mobília Missouri e com uma luz central pendurada, englobada em vidro marrom;<sup>10</sup> na sala de estar, atulhada de coisas,<sup>11</sup> uma samambaia e uma reprodução de *Magdalene*, de Henner, com o cabelo vermelho e a roupa azul; o quarto era de laca cinza e rosa velho, com fotografia de Herbie sobre a penteadeira de Hazel, e a de Hazel na cômoda de Herbie.

Ela cozinhava – e era uma boa cozinheira – e comprava e proseava com os garotos entregadores e a lavadeira de cor.<sup>12</sup> Amava o apartamento, amava sua vida, amava Herbie. Nos primeiros meses de seu casamento, ela deu a ele toda a paixão que viria a conhecer.

---

<sup>9</sup> No original, “a couple of thousand evenings”, “couple” não é uma quantidade precisa, mas dá entender que foram várias noites; por isso, em vez de usar “duas mil”, que seria literal e preciso demais, optei por “boas”, que mostra justamente um número impreciso, mas substancial.

<sup>10</sup> Em inglês, “liver-colored”, literalmente, “cor de fígado.” Como não há equivalente em português, escolhi marrom por acreditar que essa seja a melhor palavra para definir tal cor na língua. Castro usou “bordô”, e Mesquita, “esverdeado.”

<sup>11</sup> No original: “over-stuffed suite”, expressão mantida entre aspas no conto e cuja referência se perde em português. Assim, na falta de uma equivalente, optei por retirar as aspas e traduzir o sentido.

<sup>12</sup> Apesar de o termo “de cor” não ser o mais correto hoje – por ser um eufemismo obviamente desnecessário –, tendo dado lugar, em português, a “negro”, mantive a tradução mais próxima do original, “colored”. É uma marca do período; hoje, nos EUA, termos como “African American” e “black” também são mais aceitos pelos afro-americanos e afro-americanas.

Ela não tinha se dado conta de quão cansada estava. Era um deleite, um jogo novo, um feriado, desistir de ser gente boa. Se sua cabeça doía ou se os peitos de seus pés latejavam, ela reclamava com lamento, como um bebê. Se seu humor estava tranquilo, não falava. Se lágrimas vinham a seus olhos, deixava-as cair.

Caiu prontamente no hábito das lágrimas durante o primeiro ano do casamento. Mesmo em seus dias de gente boa, ela tinha sido conhecida por chorar de forma extravagante e desinteressada de vez em quando. Seu comportamento no teatro era uma piada constante. Podia chorar por causa de qualquer coisa em uma peça – pequenos trajés, amor tanto não-correspondido quanto mútuo, sedução, pureza, serviços fiéis, casamento, o triângulo.

– Lá vai a Haze – seus amigos diriam, observando-a. – Ela está fora de novo.<sup>13</sup>

Casada e relaxada, derramava suas lágrimas livremente. Para ela que havia rido tanto, chorar era delicioso. Todas as tristezas viravam as suas tristezas; ela era a Ternura. Choraria longa e suavemente sobre relatos de jornal de bebês sequestrados, de esposas abandonadas, de homens desempregados, de gatos perdidos, de cachorros heroicos. Mesmo quando o papel não estava mais à sua frente, sua mente girava em torno dessas coisas, e as gotas escorregavam em um certo ritmo sobre suas bochechas roliças.

– Honestamente – ela diria a Herbie –, tem tanta tristeza no mundo quando você para pra pensar nisso!

– Aham – Herbie diria.

Ela não sentia falta de ninguém. O antigo grupo, as pessoas que tinham juntado Herbie e ela, saíram de suas vidas, se demorando a princípio. Quando ela pensava nisso de todo, era só para considerá-lo apropriado. Isso era o casamento. Isso era paz.

Mas a verdade é que Herbie não achava graça.

---

<sup>13</sup> “She’s off again”, em inglês, passa a ideia de que Hazel perdeu as estribeiras de novo, que entrou no estado de que seus amigos caçoam. Por isso, “está fora”, como se estivesse fora de si, de seu comportamento visto como normal por eles, daquilo que viam como aceitável.

Por um tempo, ele tinha gostado de ficar sozinho com ela. Achou o isolamento voluntário original e encantador. Então ele perdeu a cor com uma brusquidão feroz. Foi como se, uma noite, sentado com ela na sala de estar aquecida a vapor, ele não quisesse mais saber;<sup>14</sup> e, na noite seguinte, ele chegou ao limite e cansou daquilo tudo.<sup>15</sup>

Ele ficou incomodado com as melancolias nebulosas dela. A princípio, quando chegava em casa e a encontrava levemente cansada e temperamental, beijava seu pescoço e dava um tapinha em seu ombro<sup>16</sup> e implorava para que ela dissesse a seu Herbie o que havia de errado. Ela amava isso. Mas o tempo fluiu, e ele se deu conta de que não nunca havia realmente, pessoalmente, nenhum problema.

– Ah, pelo amor de Deus – ele diria. – Choramingando<sup>17</sup> de novo. Tá certo, sente aqui e choramingue até não aguentar mais. Vou sair.

E ele bateria a porta ao sair do apartamento e voltaria tarde e bêbado.

Ela estava completamente atordoada com o que estava acontecendo com o casamento deles. Primeiro, eles eram amantes; e então, sem transição aparente, eram inimigos. Ela nunca entendeu.

Houve intervalos cada vez mais longos entre a saída dele do escritório e sua chegada em casa. Ela passou por agonias imaginando-o atropelado e sangrando, morto e coberto por um lençol. Então perdeu seus medos pela segurança dele e tornou-se rabugenta e magoada. Quando uma pessoa queria ficar com outra pessoa, vinha o mais rápido possível. Ela queria desesperadamente que ele quisesse ficar com ela; as horas dela apenas marcavam o momento em que ele chegaria. Em geral,

---

<sup>14</sup> Mesquita preferiu “deu o basta”, Castro, “ele não quisesse mais nada de tão perfeito.” Creio que “ele não quisesse mais saber” tem o sentido de não se interessar mais, de não querer mais ouvir falar, que é o caso de “he would ask no more”, em inglês.

<sup>15</sup> O original, “he was through and done with the whole thing” traz complicações em sua tradução para o português. Há duas ideias: a sensação de que se chegou ao limite e de se sentir que a situação acabou de uma vez por todas. Castro optou por “já estava tudo acabado para ele”, que mantém apenas uma das ideias. Escolhendo “chegou ao limite e cansou daquilo tudo”, tentei manter ambas: do limite e do fim.

<sup>16</sup> O ato de “pat one’s shoulder” é uma forma de se consolar alguém. Castro traduziu como “fazia-lhe um cafuné”, que parece uma expressão mais usada em português. No entanto, preferi manter o gesto no ombro, que está mais fortemente associado ao ato de consolar.

<sup>17</sup> As lamúrias de Hazel funcionam bem ao se traduzir “crab” por “choramingar.” Mesquita também usa “choramingar”, e Castro preferiu “resmungar.”

eram quase nove horas e ele não tinha chegado em casa para jantar. Ele sempre tinha tomado muitos drinks, e o efeito deles morreria nele, deixando-o escandaloso e rabugento e ansiando por afrontas.

Ele estava muito nervoso, dizia, para sentar e fazer nada durante a noite. Vangloriava-se, provavelmente não com muita verdade, de nunca ter lido um livro na vida.

– O que se espera que eu faça: fique com a bunda quadrada,<sup>18</sup> sentado nesse lixo a noite toda? – ele perguntaria, retoricamente. E de novo bateria porta afora.<sup>19</sup>

Ela não sabia o que fazer. Não conseguia controlá-lo. Não conseguia encontrá-lo.

Lutou com ele furiosamente. Uma domesticidade terrível a havia tomado, e ela morderia e arrararia para protegê-la. Queria o que chamava de “uma casa agradável.” Queria um marido sóbrio, tenro, pronto à hora do jantar, pontual no trabalho. Queria noites encantadoras, reconfortantes. A ideia de intimidade com outros homens era terrível para ela; pensar que Herbie poderia estar buscando diversão com outras mulheres a deixava frenética.

Parecia-lhe que quase tudo que lia – romances da biblioteca da farmácia, contos de revistas, páginas de mulheres no jornal – lidavam com esposas que perdiam o amor de seus maridos. Ela suportava essas, na verdade, melhor que os relatos de casamentos perfeitos, cheios de compaixão, e vivendo felizes para sempre.

Estava assustada. Várias vezes quando Herbie chagava à noite, encontrava-a determinadamente vestida – ela tinha tido que alterar aquelas de suas roupas que não eram novas, para fazê-las fechar – e pintada.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> O original, “to sit [...] on my tail”, ficar estranho ao ser literalmente traduzido em português. Castro optou por “[f]icar rodando em buscar da minha própria cauda”, que mantém “cauda”, mas transmite uma sensação de impaciência. Mesquita usou “grudado nessa cadeira”, que parece manter melhor o sentido do original, de cansar de tanto ficar sentado esperando. Tentei trazer uma expressão mais coloquial do português brasileiro, sendo “bunda quadrada” uma tentativa de equivalência de “on my tail.”

<sup>19</sup> Herbie “would slam out.” Essa é uma particularidade dos verbos em inglês: a de um verbo poder mudar muito de sentido com a adição de uma partícula. Em português, isso é mais difícil: é preciso passar a ideia de que Herbie bate a porta enquanto sai de casa, o que tentei fazer em “bateria porta afora.” As outras duas traduções usaram mais palavras, recorrendo a dois verbos: “bater” e “sair.”

– Vamos enlouquecer hoje, que tal? – ela o chamaria. – As pessoas têm tempo de sobra pra ficar sem fazer nada quando estiverem mortas.

Então eles saíam, para churrascarias e para os cabarés não tão caros. Mas dava tudo errado. Ela não conseguia mais se divertir vendo Herbie beber. Não conseguia mais rir das excentricidades dele, ficava contando as indulgências dele de forma tão tensa. E ela era incapaz de reprimir suas censuras:

– Ah, por favor, Herb, você bebeu demais, não? Você vai se sentir terrível pela manhã.

Ele ficaria imediatamente enfurecido. Tá certo, choramingar; choramingar, choramingar, choramingar, choramingar, choramingar, era só o que ela fazia. Que gente *chata* ela era!<sup>21</sup> Fariam cenas, e um ou outro deles se levantaria e sairia em fúria.

Ela não conseguia lembrar o dia exato em que começou a beber, ela própria. Não havia nada que separasse seus dias. Como pingos em uma vidraça, eles corriam juntos e escorriam separando-se. Ela estava casada há seis meses; depois, há um ano; depois, três anos.

Ela nunca tinha precisado beber, formalmente. Podia ficar sentada por grande parte da noite em uma mesa onde os outros estivessem bebendo a sério sem nunca se inclinar às aparências ou aos destilados, nem ficar entediada pelos feitos daqueles a seu redor. Se ela tomasse um coquetel, era tão incomum a ponto de causar uns vinte minutos de comentários jocosos. Mas agora a angústia estava nela. Frequentemente, após uma briga, Herbie passaria a noite fora, e ela não conseguiria saber, por ele, onde esse tempo tinha sido passado. O coração dela se sentia apertado e dolorido em seu peito, e sua mente girava como um ventilador elétrico.

Ela odiava o gosto de bebida. Gim, puro ou em misturas, deixava-a imediatamente enjoada. Depois de experimentar, ela descobriu que uísque<sup>22</sup> era o

---

<sup>20</sup> “Rouged”, no original, implica que Hazel tinha passado blush; no entanto, creio que seja melhor manter apenas “pintada”, pois enfatizar que ela havia se maquiado com blush parece trazer atenção demais para isso. As outras traduções também optaram apenas por “pintada.”

<sup>21</sup> “What a lousy sport *she* was!”, em inglês. Em português, creio que a ênfase recairia sobre a palavra “chata”, e não “ela”; assim, troquei o itálico do pronome para o adjetivo.

<sup>22</sup> No original, “Scotch whisky.” Castro traduziu apenas por “uísque”, enquanto Mesquita manteve “uísque escocês.” “Whisky” e “Scotch” são praticamente sinônimos nesse contexto; por isso, creio



melhor para ela. Ela tomava sem água, porque assim era o jeito mais fácil de fazer efeito.

Herbie a compelia a isso. Ele estava feliz em vê-la beber. Ambos acharam que isso poderia reestabelecer o alto astral dela, e seus bons tempos juntos poderiam voltar.

– Que garota! – ela a aprovaria. – Quero ver você bebaça,<sup>23</sup> meu bem.

Mas isso não os aproximou. Quando ela bebia com ele, haveria um pouco de alegria e, então, de forma estranha e repentina, eles estariam em uma briga feroz. Acordariam de manhã sem saber o porquê de tudo aquilo, enevoados quanto ao que havia sido dito e feito, mas cada um profundamente machucado e amargamente ressentido. Haveria dias de silêncio vingativo.

Houve um tempo em que eles tinham feito as pazes depois das brigas, geralmente na cama. Haveria beijos e nomezinhos e garantias de um novo começo...

– Ah, vai ser ótimo agora, Herb. Vamos passar ótimos tempos. Eu era uma choramingona. Acho que devia estar cansada. Mas tudo vai ficar ótimo. Você vai ver.

Agora não havia reconciliações dóceis. Eles retomavam as relações amigáveis apenas na breve magnanimidade causada pela bebida, antes de mais bebida os levar a novas batalhas. As cenas se tornaram mais violentas. Havia gritos de injúrias e empurrões, e às vezes tapas fortes. Uma vez ela ficou com um olho roxo. Herbie ficou horrorizado no dia seguinte, ao vê-lo. Ele não foi trabalhar; ficou atrás dela, sugerindo remédios e amontoando uma culpa negra sobre si. Mas depois que eles tinham tomado alguns drinks – “para se recomporem” –, ela fez tantas referências rememorando seu machucado, que ele gritou com ela e saiu correndo e ficou fora por dois dias.

Toda vez que ele saía com raiva, ameaçava nunca mais voltar. Ela não acreditava nele, nem considerava separação. Em algum lugar de sua cabeça ou de seu

---

que seja melhor não chamar tanta atenção para o fato de que é escocês: importa mesmo informar que é uísque.

<sup>23</sup> “Let’s see you get boiled”: creio que “bebaça” captura bem a informalidade de “get boiled”, assim como “quero ver” funciona bem como um convite, que é o caso de “let’s see.”

coração, estava a esperança preguiçosa e nebulosa de que as coisas mudariam e ela e Herbie se acomodariam de repente em uma tranquilizante vida de casados. Aqui era a casa dela, sua mobília, seu marido, seu posto. Ela não buscava outras opções.

Ela não conseguia mais se alvoroçar e perder tempo. Não tinha mais lágrimas vicárias<sup>24</sup>; as gotas quentes que derramava eram por ela mesma. Caminhava sem parar pelos cômodos, seus pensamentos girando mecanicamente em torno de Herbie. Naqueles dias, começou o ódio de ficar sozinha que nunca conseguiria superar. Você podia ficar só quando as coisas estavam bem, mas, quando se estava triste, os horrores uivantes<sup>25</sup> apareciam.

Ela começou a beber sozinha, algumas doses curtas ao longo do dia. Era só com Herbie que o álcool a deixava nervosa e rápida no gatilho.<sup>26</sup> Sozinha, ele deixava turvas as coisas agudas. Ela vivia em uma neblina alcóolica. Sua vida passou a ter um aspecto de sonho. Nada era surpreendente.

Uma Mrs. Martin<sup>27</sup> se mudou para o apartamento do outro lado do corredor. Era uma mulher grande e loira, nos seus quarenta anos, uma promessa do que viria a se tornar a aparência de Mrs. Morse. Elas se conheceram, rapidamente ficaram inseparáveis. Mrs. Morse passava seus dias no apartamento em frente. Bebiam juntas, para se recuperarem dos drinks das noites anteriores.

Ela nunca confidenciou seus problemas com Herbie a Mrs. Martin. O assunto era muito desconcertante para ela encontrar conforto falando a respeito. Deixava que assumissem que os negócios de seu marido o mantinham muito afastado. Isso não era

---

<sup>24</sup> Optei aqui por manter “vicário” em vez de usar “sem sentido” ou “sobressalentes”, como fizeram Castro e Mesquista, pois creio que “vicarious” aqui significa justamente o colocar-se no lugar de um outro, o que Hazel fazia frequentemente antes.

<sup>25</sup> O original, “howling horrors”, é de difícil tradução. Castro optou por “horror dos horrores”, que é uma boa escolha, mas eu quis manter a referência a um uivo, que me parece um estado peculiar de agonia.

<sup>26</sup> “Quick in offense” parece remeter um pouco mais à briga que “rápida no gatilho”; no entanto, creio que a expressão em português é uma boa tradução e remete a um estado de nervos como o de Hazel.

<sup>27</sup> Optei por manter o termo Mrs., uma vez que sua tradução por “Sra.” não é exata, e também porque, assim, mantém-se, por meio do estranhamento, uma referência ao contexto anglófono do conto.

considerado importante; maridos, propriamente ditos, tinham papéis nebulosos<sup>28</sup> no círculo de Mrs. Martin.

Mrs. Martin não tinha nenhum cônjuge visível; você devia decidir por si próprio se ele estava ou não morto. Ela tinha um admirador, Joe, que vinha vê-la quase toda noite. Frequentemente, ele trazia vários amigos consigo – “Os Garotos”,<sup>29</sup> eram chamados. Os Garotos eram homens grandes, vermelhos e bem-humorados, talvez com quarenta e cinco, talvez cinquenta anos. Mrs. Morse ficava feliz com os convites para se juntar às reuniões – Herbie quase nunca estava em casa agora. Se ele fosse para casa, ela não visitava Mrs. Martin. Uma noite sozinha com Herbie significava inevitavelmente um briga, e ainda assim ela ficaria com ele. Tinha sempre a ideia fraca e silenciosa de que, talvez, nesta noite, as coisas começariam a ficar bem.

Os Garotos traziam bastante bebida com eles sempre que vinham para a casa de Mrs. Martin. Bebendo com eles, Mrs. Morse ficava animada e agradável e audaciosa. Ela logo se tornou popular. Quando tinha bebido o suficiente para obscurecer sua mais recente briga com Herbie, ficava empolgada com a aprovação deles. Choramingar, ela? Gente chata, ela? Bem, havia quem pensasse diferente.

Ed era um dos Garotos. Ele vivia em Utica – tinha “seu próprio negócio” lá, era o rumor deslumbrado –, mas vinha a Nova York quase toda semana. Ele era casado. Mostrou a Mrs. Morse as então atuais fotografias de Júnior e da Irmã, e ela os elogiou de forma abundante e sincera. Logo foi aceito pelos outros o fato de que Ed era seu amigo especial.

Ele a cobria<sup>30</sup> quando todos jogavam pôquer; sentava perto dela e ocasionalmente roçava seu joelho contra o dela durante o jogo. Ela tinha bastante

---

<sup>28</sup> A tradução literal de “shadowy” por “sombrio” poderia levar à inferência de que Herbie era negativo em sua vida. Nessa frase, no entanto, a ideia é de que ele desempenhava um papel fraco, como uma sombra.

<sup>29</sup> Diferentemente das outras traduções, acho importante manter a expressão em maiúsculas, conforme o original, “The Boys.”

<sup>30</sup> “Stake” – no original, “[h]e staked her” – refere-se ao ato de cobrir uma aposta para que se possa continuar no jogo de pôquer, o que parece ter passado despercebido nas outras traduções. Se ninguém cobre uma aposta, acaba a rodada do jogo. Por isso, Ed parecia simpático em relação a Mrs. Morse ao cobrir suas apostas para que ela pudesse continuar com sua jogada.

sorte. Frequentemente, ia para casa com uma nota de vinte dólares ou com uma nota de dez dólares ou com um punhado de dólares amassados. Ela ficava contente com eles. Herbie estava virando, nas palavras dela, uma coisa terrível com dinheiro. Pedir-lhe provocava um bate-boca instantâneo.

– Que porra<sup>31</sup> você faz com ele? – ele diria. – Torra tudo em uísque?

– Eu tento administrar essa casa de forma mais ou menos decente – ela replicaria. – Nunca pensou nisso, né? Ah, não, sua majestade<sup>32</sup> não se preocuparia com isso.

De novo, ela não conseguia achar um dia definitivo, para começar o direito de propriedade de Ed. Virou costume dele beijá-la na boca quando entrava, assim como para se despedir, e ele dava-lhe beijinhos rápidos de aprovação durante toda a noite. Ela gostava disso mais do que desgostava. Nunca pensava em seus beijos quando não estava com ele.

Ele correria sua mão vagarosamente sobre suas costas e ombros.

– Uma loira atordoada, hã? – ele diria. – Uma boneca.

Uma tarde, ela chegou da casa de Mrs. Martin e encontrou Herbie no quarto. Ele estava fora por várias noites, evidentemente em um porre prolongado. Seu rosto estava cinza, suas mãos estremecidas, como se estivessem presas por fios.<sup>33</sup> Na cama, estavam duas malas velhas, cheias até a boca. Apenas a fotografia dela permanecia na cômoda dele, e as portas largas de seu armário não revelavam nada além de cabides.

– Tô me mandando – ele disse. – Tô cheio disso tudo. Consegui um emprego em Detroit.

Ela sentou na beira da cama. Tinha bebido muito na noite anterior, e os quatro uísques que tinha tomado com Mrs. Martin só tinham aumentado sua nebulosidade.

---

<sup>31</sup> “What the hell”: para evitar a tradução mais comum em português – “por que diabos” –, que já está datada, preferi usar um palavrão mais comum atualmente em discussões calorosas.

<sup>32</sup> No português brasileiro, “sua majestade” parece o melhor equivalente para “his lordship”, conforme o original. Não coloquei as palavras em letras maiúsculas – como às vezes “Sua Majestade” é escrita – para não aumentar a ênfase do original.

<sup>33</sup> Parece que Herbie treme como se fosse uma marionete. O original, “on wires”, é mais sutil, mas escolhi adicionar “presas” para que essa imagem não se perdesse em português.

– Emprego bom? – ela disse.

– Ah, sim – ele disse. – Parece bom.

Ele fechou uma mala com dificuldade, praguejando-a em murmúrios.

– Tem uma grana no banco – ele disse. – A caderneta do banco está na sua gaveta de cima. Você pode ficar com a mobília e as coisas.

Ele olhou para ela, e sua testa se contraiu.

– Maldição, tô cheio, tô dizendo pra você – ele exclamou. – Tô cheio.

– Tá bem, tá bem – ela disse. – Eu ouvi você, não?

Ela o via como se ele estivesse em uma das extremidades de um canhão, e ela, na outra. Sua cabeça estava começando a doer, latejando com força, e sua voz tinha um tom aborrecido, cansativo. Ela não conseguiria tê-lo levantado.

– Um drink antes de ir? – ela perguntou.

De novo, ele olhou para ela, e um canto de sua boca levantou-se.

– Chumbada<sup>34</sup> de novo pra variar, né? – ele disse. – Ótimo. Claro, você traz umas doses pra nós?

Ela foi à despensa, preparou para ele um drink highball,<sup>35</sup> serviu-se de alguns dedos de uísque e bebeu. Então ela se serviu de mais uma dose e levou os copos para o quarto. Ele tinha afivelado as duas malas e vestido seu chapéu e seu sobretudo.

Ele pegou seu highball.

– Bem – ele disse e deu uma risada repentina, incerta. – À sua saúde.<sup>36</sup>

– Sua saúde – ela disse.

---

<sup>34</sup> “Cockeyed”, no original, quer dizer “bêbada.” Na busca de uma gíria equivalente, pensei em “tonta”, por também fazer referência a uma expressão facial alterada. No entanto, o termo poderia ser visto apenas como um xingamento aleatório a Hazel; dessa forma, optei por “chumbada”, que é uma gíria bastante usada com o significado pretendido.

<sup>35</sup> Popular nos EUA na década de 1920, o drink “highball” consiste em uma mistura de uma bebida alcóolica (geralmente uísque) e outra não alcóolica (soda, refrigerante de gengibre, entre outros). “Highball” parece, por metonímia, ter dado nome ao copo no qual ele era servido, sendo mais conhecido como o copo do que como o drink em português brasileiro. No entanto, fazer uma tradução especificando os ingredientes do drink o limitaria, já que há diversas possibilidades de preparo; por isso, acabei optando por manter o termo no original (antecedido por “drink” para evitar confusões).

<sup>36</sup> O original, “[h]ere’s mud in your eye”, é uma forma de desejar sucesso à pessoa com quem se está bebendo. Em português, as expressões usadas são “saúde” ou “tim-tim.” Escolhi a primeira, pois creio que a segunda daria um tom um tanto infantil ao diálogo, e optei por estendê-la – “à sua saúde” – para manter uma extensão mais próxima da expressão do original.

Beberam. Ele apoiou seu copo e levantou as pesadas malas.

– Preciso pegar um trem lá pelas seis – ele disse.

Ela o seguiu pelo corredor. Havia uma música, uma música que Mrs. Martin tocava persistentemente no fonógrafo, tocando alto em sua cabeça. Nunca tinha gostado dela.

*“Night and daytime*

*Always playtime.*

*Ain’t we got fun?”<sup>37</sup>*

À porta, ele colocou as malas no chão e a encarou.

– Bem – ele disse. – Bem, se cuide. Você vai ficar bem, né?

– Ah, claro – ela disse.

Ele abriu a porta, então voltou-se para ela, estendendo a mão.

– Tchau, Haze – ele disse. – Boa sorte pra você.

Ela pegou a mão dele e a apertou.

– Desculpe pela luva molhada – ela disse.

Quando a porta tinha fechado atrás dele, ela foi de volta à despensa.

Estava corada e animada quando entrou na casa de Mrs. Martin naquela noite.

Os Garotos estavam lá, Ed entre eles. Ele estava feliz por estar na cidade, brincalhão, barulhento e cheio de piadas. Mas ela falou com ele discretamente por um minuto.

– Herbie se mandou hoje – ela disse. – Vai morar pelo oeste.

– Ah é? – ele disse. Olhou para ela e brincou com a caneta-tinteiro presa ao bolso de seu colete.

– Acha que ele foi pra sempre, é? – ele perguntou.

– Aham – ela disse. – Eu sei que sim. Eu sei. Aham.

– Cê vai morar aqui em frente do mesmo jeito? – ele disse. – Sabe o que vai fazer?

---

<sup>37</sup> Para não perder a referência à música (e suas rimas), preferi manter seus versos no original. Uma tradução literal seria: “Noite e dia / Sempre hora de brincar / Não nos divertimos?”

– Poxa,<sup>38</sup> não sei. – ela disse. – Tô pouco me lixando.

– Ah, pera aí, não se fala assim – ele lhe disse. – O que você precisa – você precisa de uma tacinha. Que tal?

– Aham – ela disse. – Puro.

Ela ganhou quarenta e três dólares no pôquer. Quando o jogo se dispersou, Ed a levou de volta para o apartamento dela.

– Um beijinho pra mim? – ele pediu.

Envolveu-a em seus grandes braços e beijou-a de forma violenta. Ela estava inteiramente passiva. Ele a afastou e olhou para ela.

– Meio alterada, querida? – ele perguntou, ansiosamente. – Não vai passar mal, né?

– Eu? – ela disse. – Eu tô ótima.

## II

Quando Ed foi embora pela manhã, levou a fotografia dela consigo. Disse que a queria para olhá-la, lá em Utica.

– Você pode ficar com aquela da cômoda – ela disse.

Ela colocou a fotografia de Herbie em uma gaveta, fora de vista. Quando pudesse olhar para ela, seria para rasgá-la. Ela estava sendo razoavelmente bem sucedida na tentativa de impedir sua mente de ir correndo para ele. O uísque afrouxava seu passo. Estava quase calma, em sua névoa.

Ela aceitou seu relacionamento com Ed sem questionamento ou entusiasmo. Quando ele estava longe, ela raramente pensava nele de forma definitiva. Ele era bom para ela; dava-lhe presentes frequentes e uma mesada. Ela até conseguia economizar. Não planejava nenhum dia com antecedência, mas suas necessidades

---

<sup>38</sup> O original “Gee”, refere-se a Jesus, mas é usando sem conotação religiosa. Em português, poder-se-ia pensar em usar “céus” ou “Deus”, mas há maior ênfase na religiosidade. Assim, escolhi uma interjeição laica, “poxa.”

eram poucas, e às vezes é melhor você colocar dinheiro no banco do que deixá-lo parado.<sup>39</sup>

Quando o aluguel de seu apartamento estava perto do fim, foi Ed quem sugeriu a mudança. Sua amizade com Mrs. Martin e Joe tinha ficado tensa devido a uma controvérsia no pôquer; uma contenda era iminente.

– Vamos dar o fora daqui – Ed disse. – O que eu quero que você tenha é um lugar perto da estação Grand Central.<sup>40</sup> Facilita pra mim.

Então ela foi para um pequeno apartamento nas ruas Forties.<sup>41</sup> Uma empregada de cor vinha todos os dias para fazer a limpeza e café para ela – estava “cheia dessas coisas domésticas”, ela disse, e Ed, há vinte anos casado com uma mulher apaixonada pela domesticidade, admirava essa inutilidade romântica e sentia-se um homem duplamente sofisticado<sup>42</sup> por incitá-la.

O café era tudo que ela tomava até sair para jantar, mas o álcool a mantinha gorda. A Lei Seca, ela via apenas como razão de piada. Você sempre podia conseguir o que queria. Visivelmente bêbada, ela nunca estava, e, quase sóbria, era raro. Era necessária uma dose diária generosa para manter sua cabeça enevoada. Muito pouco, e ela ficava dolorosamente melancólica.

Ed a levou ao Jimmy’s. Estava orgulhoso, com o orgulho de um passante ao ser confundido com um nativo, em seu conhecimento de restaurantes pequenos, recentes, ocupando os andares mais baixos de casas de pedras marrons em mal estado; lugares onde, ao se mencionar o nome de um amigo *habitué*, poder-se-ia

---

<sup>39</sup> “[Y]ou might as well put money in the bank as have it lying around”: a frase original apresenta as duas possibilidades, mas fica implícito que a segunda é a melhor. Como essa construção não é usada em português, adaptei-a.

<sup>40</sup> Mantive o nome próprio em inglês apenas adicionando “estação”, que não está presente no original. É difícil prever o conhecimento de Nova York do leitor, mas creio que o acréscimo ajuda o que desconhece e não menospreza o conhecedor.

<sup>41</sup> Também aqui mantive o termo original com o acréscimo de “ruas” pela mesma razão explicada na nota anterior.

<sup>42</sup> O original, “a man of the world”, significa um homem experiente, sofisticado, viajado. A tradução literal, “um homem do mundo”, parece ter um significado um pouco diferente: o de um homem que não tem morada certa, viajado, ou, talvez, alguém mundano, trivial. Para evitar confusão, preferi optar por “sofisticado”, que é como Ed parece sentir-se nessa passagem.



obter uísque estranho e gim fresca em muitas de suas subdivisões. O Jimmy's era o favorito dos seus conhecidos.

Lá, por meio de Ed, Mrs. Morse conheceu muitos homens e mulheres, fez amizades rápidas. Os homens, em geral, levavam-na para sair quando Ed estava em Utica. Ele tinha orgulho da popularidade dela.

Ela criou o hábito de ir ao Jimmy's sozinha quando não tinha compromisso. Tinha certeza de que ia de encontrar alguém que conhecesse e juntar-se a eles. Era um clube para seus amigos, ambos homens e mulheres.

As mulheres no Jimmy's eram notavelmente parecidas, e isso era curioso, pois, por rixas, retiradas e oportunidades de contatos mais rentáveis, o pessoal do grupo mudava constantemente. Mesmo assim, as recém-chegadas sempre eram semelhantes àquelas que haviam substituído. Eram todas mulheres grandes e robustas, de ombros largos e peitos abundantes, com rostos espessamente cobertos por carne macia, corada. Riam alto e com frequência, mostrando dentes opacos e sem brilho, como quadrados de louça. Havia, entre elas, a saúde das grandes, mas também uma sugestão delicada, doentia de conservação teimosa. Elas podiam ter trinta e seis ou quarenta e cinco anos, ou qualquer idade entre essas.

Compunham seus títulos unindo seus próprios primeiros nomes aos sobrenomes de seus maridos – Mrs. Florence Miller, Mrs. Vera Riley, Mrs. Lilian Block.<sup>43</sup> Isso trazia, ao mesmo tempo, a solidez do casamento e o glamour da liberdade. Mas apenas uma ou duas eram realmente divorciadas. A maioria delas nunca se referia a seus cônjuges esmaecidos; algumas, há menos tempo separadas, descreviam-nos em termos de grande interesse biológico. Muitas eram mães, cada uma de filho único – um menino em uma escola em algum lugar, ou uma menina aos cuidados de uma avó. Frequentemente, adentrada a manhã, haveria exposições de retratos Kodak e de lágrimas.

Eram mulheres cômodas, cordiais e amigáveis e irreprimivelmente matronais. Tinham como característica a tranquilidade. Ao tornarem-se fatalistas, especialmente

---

<sup>43</sup> Em língua inglesa, essa combinação não é comum: usa-se ou o primeiro nome, ou uma combinação em que o título é acrescido apenas do sobrenome. Acho importante que isso não se perca na tradução.

em matéria de dinheiro, elas se despreocuparam. Quando seus fundos caíam de forma alarmante, um novo doador aparecia; isso sempre tinha acontecido. O objetivo de cada uma era ter um homem, permanentemente, para pagar todas as suas contas, em retorno do que ela teria imediatamente abandonado todos os outros admiradores e provavelmente se afeiçoado a ele de forma extrema; pois as afeições de todas elas eram, agora, desinteressantes, tranquilas, e facilmente arranjáveis. Esse fim, no entanto, ficava mais difícil a cada ano. Mrs. Morse era vista como afortunada.

Ed teve um bom ano, aumentou sua mesada e lhe deu um casaco de pele de foca. Mas ela tinha que ser cuidadosa em relação a seus modos com ele. Ele insistia na alegria. Não queria ouvir falar em dores ou aborrecimentos.

– Ei, escute – ele diria –, eu já tenho preocupações minhas, e muitas. Ninguém quer ouvir os problemas dos outros, docinho. O que você tem que fazer, você tem que ser gente boa e esquecer. Viu? Bem, esboce um sorriso, aí. Essa é minha garota.

Ela nunca tinha interesse o suficiente para brigar com ele como tinha com Herbie, mas queria o privilégio da tristeza admitida ocasional. Era estranho. As outras mulheres que ela via não tinham que lutar contra seus ânimos. Havia a Mrs. Florence Miller, que tinha acessos de choro regulares, e os homens buscavam apenas animá-la e confortá-la. As outras passavam noites inteiras em recitais entristecidos de preocupações e de doenças; seus acompanhantes demonstravam profunda simpatia por elas. Mas ela ficava instantaneamente indesejável quando estava para baixo. Uma vez, no Jimmy's, quando não conseguiu se animar, Ed tinha ido embora e a deixado.

– Por que porra que você não fica em casa, em vez de estragar a noite de todo mundo? – ele tinha rugido.

Até aqueles que ela mal conhecia pareciam irritado se ela não estivesse visivelmente alegre.

– Qual é seu problema, afinal? – eles diriam. – Aja de acordo com sua idade, por que não faz isso? Tome um drink e saia dessa.

Quando seu relacionamento com Ed tinha durado quase três anos, ele foi viver na Florida. Ele odiou ter que deixá-la; deu-lhe um generoso cheque e algumas

quotas de ações confiáveis, e seus olhos pálidos estavam úmidos quando ele disse adeus. Ela não sentiu sua falta. Ele vinha a Nova York com pouca frequência, talvez duas ou três vezes por ano, e corria diretamente do trem para vê-la. Ela sempre sentia prazer em sua vinda e nunca desgosto em sua partida.

Charley, um conhecido de Ed que ela tinha conhecido no Jimmy's, há muito a admirava. Sempre criava oportunidade para tocá-la e para chegar perto para falar com ela. Ele perguntava repetitivamente a todos os seus amigos se eles já tinham ouvido uma risada tão agradável quanto a dela. Depois que Ed foi embora, Charley se tornou a figura principal de sua vida. Ela o classificava e falava dele como “não tão ruim.” Houve quase um ano de Charley; depois ela dividia seu tempo entre ele e Sydney, outro frequentador do Jimmy's; depois Charley sumiu completamente.

Sydney era um judeu pequeno, resplandecentemente vestido, esperto. Com ele, talvez ela estivesse mais próxima do contentamento. Ele a divertia sempre; a risada dela não era forçada.

Ele a admirava completamente. Sua maciez e seu tamanho o encantavam. E ele achava que ela era ótima, dizia-lhe frequentemente, porque se mantinha alegre e animada quando estava bêbada.

– Uma vez tive uma garota – ele dizia – que costumava tentar e se jogar da janela toda vez que pegava um copo.<sup>44</sup> Cruu-zess<sup>45</sup> – adicionava, comovido.

Então Sydney casou-se com uma noiva rica e atenta, e então teve o Billy. Não – depois do Sydney, veio o Fred, e, então, o Billy. Na sua névoa, ela nunca se lembrava de como os homens entravam e saíam de sua vida. Não havia surpresas. Não sentia emoção com suas chegadas, nem tristeza com suas partidas. Ela parecia ser sempre capaz de atrair os homens. Nunca houve outro tão rico quanto Ed, mas eram todos generosos com ela, de acordo com seus recursos.

---

<sup>44</sup> “Can” no original. Significando atualmente “lata”, essa só passou a existir nos EUA na década de 1930, depois do fim da Lei Seca. Creio que, na época, seu sentido ainda era o de “copo” – ou talvez de “taça.”

<sup>45</sup> No original, “Jee-zuss.” Nesse sentido, “Jesus” está mais para uma interjeição de repreensão; por isso, acho que equivale a “cruzes” em português, que me parece mais usada hoje do que a antiga “cruz credo.”

Uma vez, ela teve notícias de Herbie. Encontrou Mrs. Martin jantando no Jimmy's, e a antiga amizade foi vigorosamente reavivada. O ainda admirador Joe, em uma viagem de negócios, tinha visto Herbie. Ele tinha se estabelecido em Chicago, parecia bem, estava vivendo com uma mulher – aparentava ser louco por ela. Mrs. Morse tinha bebido substancialmente aquele dia. Ela recebeu as notícias com interesse moderado, como alguém ouvindo sobre os pecadilhos sexuais de alguém cujo nome é, depois de se tatear um pouco, familiar.

– Deve fazer uns puta sete anos<sup>46</sup> desde que vi ele – ela comentou. – Poxa. Sete anos.

Mais e mais, os dias dela perdiam sua individualidade. Ela nunca sabia datas, nem tinha certeza do dia da semana.

– Meu Deus, isso já faz um ano! – ela exclamaria, quando um evento era lembrado em uma conversa.

Estava cansada a maior parte do tempo. Cansada e melancólica. Quase tudo poderia trazer-lhe a melancolia.<sup>47</sup> Aqueles cavalos velhos que via na Sixth Avenue<sup>48</sup> – se esforçando e escorregando ao longo das pistas de carros, ou parados no meio-fio, suas cabeças caídas à altura de seus joelhos gastos. As lágrimas hermeticamente guardadas seriam espremidas de seus olhos, enquanto ela passava vacilante, com seus pés doendo em seus sapatos atarracados, cor de champanhe.

A ideia da morte chegou e permaneceu com ela e a emprestou uma espécie de animação sonolenta. Seria bom, bom e relaxante, estar morta.

Não houve um momento determinado, de choque quando ela pensou pela primeira vez em se matar; parecia-lhe que a ideia sempre tinha estado com ela. Lançava-se sobre todos os relatos de suicídio dos jornais. Havia uma epidemia de autoassassinatos – ou talvez fosse apenas porque ela buscava tão avidamente por

---

<sup>46</sup> “Must be damn near seven years”: creio que, aqui, o uso de “damn” como intensificador do tempo sem ver Herbie é bem traduzido por “puta”, expressão usada em português de forma semelhante, como em “estou com uma puta vontade de fazer tal coisa.” A escolha também se deu tentando manter a intensidade por meio de outro palavrão, que é o caso do original.

<sup>47</sup> O original, fala em “give her the blues.” Uma tradução literal é impossível em português: estar “blue” é um tipo de tristeza específico, de difícil tradução. Assim, optei por “melancolia”, por ser um estado de espírito um pouco diferente da simples “tristeza.”

<sup>48</sup> Seguindo o padrão do resto da tradução, mantenho o nome da avenida no original.

essas histórias, que encontrava muitas. O ato de lê-las a reconfortava; sentia uma solidariedade acolhedora na companhia volumosa dos voluntariamente mortos.

Ela dormia, com ajuda do uísque, tarde adentro, depois permanecia deitada, uma garrafa e um copo na mão, até que chegasse a hora de se vestir e sair para jantar. Estava começando a sentir em relação ao álcool uma curiosa desconfiança, como em relação a um amigo que recusou um favor simples. O uísque ainda conseguia acalmá-la a maior parte do tempo, mas havia momentos repentinos, inexplicáveis quando a nuvem traiçoeiramente se esvaia dela, e ela era serrada pela mágoa e a desorientação e o aborrecimento de todos os vivos. Brincava voluptuosamente com a ideia do retiro calmo, sonolento. Nunca tinha se incomodado com crenças religiosas, e nenhuma visão da vida após a morte a intimidava. Sonhava, de dia, em nunca mais colocar sapatos apertados, em nunca ter que rir e ouvir e admirar, em nunca mais ser gente boa. Nunca.

Mas como fazê-lo? Ela ficava enjoada ao pensar em pular das alturas. Não suportava armas. No teatro, se um dos atores sacava um revólver, ela abarrotava os dedos nos ouvidos e não podia nem olhar para o palco até depois de o tiro ter sido disparado. Não havia gás em seu apartamento. Olhava longamente para as veias azuis brilhantes em seus finos pulsos – um corte com uma lâmina de barbear, e era isso. Mas doeria, uma dor infernal, e haveria sangue à vista. Veneno – uma coisa sem gosto e rápida e sem dor – era a saída. Mas não o vendiam nas farmácias, por causa da lei.

Ela tinha poucos outros pensamentos.

Havia um homem novo agora – Art. Era baixo e gordo e exigente e difícil de aguentar quando estava bêbado. Mas tinham aparecido apenas casuais por um tempo antes dele, e ela estava feliz em ter alguma estabilidade. Também, Art devia estar fora por semanas seguidas, vendendo sedas, e isso trazia sossego. Ela era convincentemente alegre com ele, apesar de o esforço a abalar.

– Não existe gente melhor no mundo – ele murmuraria, afundado em seu pescoço. – Não existe gente melhor no mundo.

Uma noite, quando ele a tinha levado ao Jimmy's, ela entrou no toailete<sup>49</sup> com Mrs. Florence Miller. Lá, enquanto desenhavam bocas curvilíneas em seus rostos com batom vermelho, comparavam experiências de insônia.

– Honestamente – Mrs. Morse disse –, eu não pregaria os olhos se não fosse pra a cama cheia de uísque. Eu deito lá e me sacudo e me viro e me sacudo e me viro. Melancolia! Uma pessoa se torna melancólica ficando acordada desse jeito!

– Digamos, escute, Hazel – Mrs. Miller disse, impressionantemente –, te digo que eu ficaria acordada por um ano se eu não tomasse Veronal.<sup>50</sup> Esse troço faz você dormir feito boba.

– É veneno, ou algo do tipo? – Mrs. Morse perguntou.

– Ah, se você tomar demais, vai desta pra melhor – disse Mrs. Miller. – Eu tomo só trezentos miligramas<sup>51</sup> – eles vêm em comprimidos. Eu teria medo de brincar com isso. Mas trezentos grammas, e você cai dura bonito.

– Dá pra conseguir em qualquer lugar? – Mrs. Morse sentiu-se soberbamente maquiavélica.

– Consegue tudo o que você quiser em Jersey – disse Mrs. Miller. – Não vão te dar aqui sem receita médica. Terminou? Melhor voltarmos pra ver o que os garotos estão fazendo.

Naquela noite, Art deixou Mrs. Morse na porta do apartamento dela; a mãe dele estava na cidade. Mrs. Morse ainda estava sóbria, e aconteceu de não ter mais uísque no armário. Ela ficou parada na cama, olhando para o teto preto.

Levantou-se cedo, para seus parâmetros, e foi a Nova Jersey. Ela nunca tinha pegado o metrô, e não o entendia. Então foi até a estação Pennsylvania e comprou

---

<sup>49</sup> “Dressing-room”, no original, hoje significaria “camarim” ou “vestiário.” Diríamos simplesmente “banheiro” no Brasil de hoje, mas, para manter um tom da época, mais formal, optei por “toailete.”

<sup>50</sup> Veronal é o primeiro sedativo e sonífero dos barbitúricos. Achei melhor manter o termo no original do que domesticá-lo para o(a) leitor(a). No entanto, mudei a inicial de minúscula para maiúscula por se tratar de um nome comercial e por aparecer ser grafado assim em português.

<sup>51</sup> “Grain” é uma unidade de massa que equivale a 64,79891 miligramas. A quantidade mencionada por Mrs. Miller seria, assim, de aproximadamente 324 miligramas ou 0,324 grammas. Castro traduziu por “cinco grammas”, quantidade bem superior à mencionada pela personagem. Mesquita optou por “cinco tabloides”, mais próximo do contexto se pensarmos que “grain” pode ser também traduzido como “grão.” Escolhi usar “trezentos miligramas”, valor a que cheguei ao arredondar a conversão, uma vez que 324 miligramas soaria estranho para um fármaco, por se tratar de um valor quebrado.

uma passagem de trem para Newark. Não pensou em nada em particular na viagem. Olhou para os chapéus sem inspiração das mulheres a seu redor e contemplou, através da janela manchada, o cenário achatado e arenoso.

Em Newark, na primeira farmácia a que foi, pediu pó de talco, uma escova para as unhas e uma caixa de comprimidos de Veronal. O talco e a escova eram para fazer o narcótico também parecer uma necessidade casual. O balconista foi totalmente indiferente.

– Mantemos eles apenas em frascos – ele disse, e embrulhou para ela um pequeno vidro contendo dez comprimidos brancos, empilhados uns nos outros.

Ela foi a outra farmácia e comprou uma toalha de rosto, um pau de laranjeira e um frasco de comprimidos de Veronal. O balconista também foi indiferente.

– Bem, acho que tenho o suficiente pra matar um boi – ela pensou, e voltou para a estação.

Em casa, colocou os frasquinhos na gaveta de sua penteadeira e ficou olhando para eles com uma ternura sonhadora.

– Aqui estão eles, Deus os abençoe – disse, e beijou a ponta do dedo e tocou cada frasco.

A empregada de cor estava ocupada na sala.

– Ei, Nettie – Mrs. Morse chamou. – Você me faria um favorzinho?<sup>52</sup> Corra pro Jimmy’s e me traga um quarto de uísque.

Ela cantarolou enquanto esperava o retorno da garota.

Durante os próximos dias, o uísque a serviu tão ternamente quanto na primeira vez em que ela recorreu a sua ajuda. Sozinha, estava tranquila e aérea; no Jimmy’s, era a mais alegre dos grupos. Art estava encantado com ela.

Então, uma noite, ela tinha um encontro marcado com Art no Jimmy’s para um jantar mais cedo. Ele sairia depois para uma excursão de negócios, para ficar uma semana fora. Mrs. Morse tinha bebido a tarde toda; enquanto se vestia para sair,

---

<sup>52</sup> O original, “[b]e an angel, will, you?”, não tem tradução exata para o português, assim como é difícil de encontrar uma semelhante. Dessa forma, traduzir por um pedido de forma mais genérica, usando “favorzinho” para talvez assim capturar o tom do original.

sentiu-se passar prazerosamente da sonolência para o alto astral. Mas, conforme ela saiu à rua, os efeitos do uísque a deixaram completamente, e ela se encheu de uma miséria lenta, opressiva tão horrível que ficou oscilando na calçada, incapaz, por um momento, de seguir em frente. Era uma noite cinza com pancadas de neve mediana, fina, e as ruas brilhavam com o gelo escuro. Conforme ela atravessava devagar a Sixth Avenue, arrastando conscientemente um pé atrás do outro, um cavalo grande, assustado, puxando uma carroça raquítica, espatifou-se de joelhos a sua frente. O carroceiro xingou e gritou e chicoteou o animal de forma insana, trazendo o chicote de volta a seu ombro a cara golpe, enquanto o cavalo lutava para obter equilíbrio no asfalto escorregadio. Um grupo se juntou e observava com interesse.

Art estava esperando, quando Mrs. Morse chegou ao Jimmy's.

– Qual é seu problema, pelo amor de Deus? – foi seu cumprimento para ela.

– Eu vi um cavalo – ela disse. – Poxa, eu...<sup>53</sup> uma pessoa sente pena pelos cavalos. Eu... não são apenas os cavalos. Tudo está meio terrível, né? Não consigo não ficar pra baixo.

– Ai, pra baixo, uma ova – ele disse. – O que tem por trás dessa lamentação? O que você tem pra ficar pra baixo?

– Não consigo evitar – ela disse.

– Ai, não consegue uma ova – ele disse. – Se recomponha, tá? Venha aqui e se sente, e desamarre essa cara.

Ela bebeu industriosamente e tentou muito, mas não conseguiu vencer sua melancolia. Outros se juntaram a eles e comentaram sobre sua tristeza, e ela não conseguiu fazer mais por eles do que sorrir debilmente. Ela deu pancadinhas em seus olhos com seu lenço, tentando cronometrar seus movimentos para que passassem despercebidos, mas diversas vezes Art a pegou e franziu as sobrancelhas e mudou impacientemente de posição em sua cadeira.

---

<sup>53</sup> O original traz travessões para as hesitações de Mrs. Morse, o que não causa confusão, uma vez que as falas são marcas por aspas. Na tradução, optei por usar reticências no lugar de tais travessões; do contrário, não seria possível saber quando é a personagem ou o(a) narrador(a) falando.



Quando era hora de ele pegar seu trem, ela disse que iria sair, também, e ir para casa.

– E não é má ideia, também – ele disse. – Vejo você na quinta-feira. Pelo amor de Deus, tente se animar até lá, tá?

– Aham – ela disse. – Tá bem.

Em seu quarto, ela se despiu com uma velocidade tensa, completamente diferente de sua usual incerteza devagar. Colocou sua camisola, tirou sua rede de cabelo e passou o pente rapidamente por seu cabelo seco, versicolor. Então ela pegou os dois frasquinhos da gaveta e os levou para o banheiro. A miséria estilhaçante a tinha deixado, e ela sentiu a excitação rápida de alguém que está prestes a receber um presente antecipado.

Desarrolhou os frasquinhos, encheu um copo com água e ficou parada em frente ao espelho, um comprimido entre os dedos. De repente, fez uma reverência graciosa a seu reflexo, e levantou o copo para ele.

– Bem, à sua saúde – ela disse.

Os comprimidos eram desagradáveis de se tomar, secos e pulverulentos e grudando obstinadamente a meio-caminho garganta abaixo. Ela levou um bom tempo para engolir todos os vinte. Ficou observando seu reflexo com um interesse profundo, impessoal, estudando os movimentos da garganta engolindo. Uma vez mais, falou em voz alta.

– Pelo amor de Deus, tente se animar até quinta-feira, tá? – ela disse. – Bem, você sabe o que ele pode fazer. Ele e todo o resto deles.

Ela não tinha ideia de em que velocidade esperar o efeito do Veronal. Quando tinha tomado o último comprimido, ficou parada, incerta, imaginando, ainda com um interesse cordial, vicário, se a morte iria derrubá-la naquele momento. Não se sentia nada estranha, a não ser por uma leve perturbação de enjoo devido ao esforço de engolir os comprimidos, tampouco seu rosto refletido parecia diferente. Não seria imediato, então; poderia levar até uma hora ou mais.

Esticou os braços alto e deu um bocejo vasto.

– Acho que vou pra cama – ela disse. – Poxa, tô morta.<sup>54</sup>

Isso a ocorreu como algo cômico, e ela apagou a luz do banheiro e entrou e deitou-se na cama, rindo suavemente o tempo todo.

– Poxa, tô morta – ela citou. – Essa é boa!

### III

Nettie, a empregada de cor, chegou atrasada na tarde do dia seguinte para limpar o apartamento, e encontrou Mrs. Morse em sua cama. Mas, a essa altura, isso não era incomum. Geralmente, no entanto, os sons da limpeza a acordavam, e ela não gostava de acordar. Nettie, uma garota agradável, tinha aprendido a se movimentar suavemente ao fazer seu trabalho.

Mas quando ela tinha terminado a sala e entrado para arrumar o pequeno quarto quadrangular, ela não pôde evitar um pequeno barulho enquanto organizava os objetos na penteadeira. Instintivamente, olhou, por cima do ombro, para a adormecida, e, de repente, uma inquietação doentia arrastou-se sobre ela. Ela aproximou-se da cama e encarou a mulher deitada nela.

Mrs. Morse estava deitada de costas, um braço flácido, branco atirado para cima, o pulso contra sua testa. Seu cabelo duro escorria grosseiramente sobre seu rosto. As cobertas estavam empurradas para baixo, expondo um grande quadrado de pescoço macio e de camisola rosa, seu tecido gasto de forma desigual devido a muitas lavagens; seus grandes seios, libertados de seu confinamento apertado, despejavam-se sob suas axilas. De vez em quando, ela fazia sons amarrados, de ronco e, do canto de sua boca aberta à curva embaçada de sua mandíbula, corria uma faixa de saliva encrostada.

– Mis Morse – Nettie chamou. – Ah, Mis Morse! Tá muito tarde.

---

<sup>54</sup> O original, “I’m nearly dead”, quer dizer tanto que se está muito cansado(a) quanto, literalmente, que se está quase morto(a). Em português, no entanto, “estou quase morta” não dá a mesma ideia de se estar cansada quanto “estou morta.” Por isso, omiti o “quase.” Assim, Hazel profere a frase uma primeira vez referindo-se a seu cansaço; depois, dá-se conta da ironia do que disse, pois, de fato, acha-se em vias de morrer.

Mrs. Morse não se mexeu.

– Mis Morse – disse Nettie. – Olhe, Mis Morse. Comé que vô arrumá essa cama?

O pânico se instaurou na garota. Ela sacudiu o ombro quente da mulher.

– Ah, acorde, tá? – ela choramingou. – Ai, por favor, acorde.

De repente, a garota se virou e correu corredor afora até a porta do elevador, mantendo seu polegar firme no botão preto, brilhante até que o elevador antigo e seu ascensorista negro<sup>55</sup> estivessem parados a sua frente. Ela despejou uma confusão de palavras sobre o garoto, e o conduziu de volta ao apartamento. Ele foi na ponta dos pés, fazendo rangidos, até a cabeceira; primeiro cautelosamente, depois tão lascivamente que deixou marcas na carne macia, ele cutucou a mulher inconsciente.

– Ei! – ele exclamou, e ouviu atentamente, como se esperasse por um eco.

– Putz.<sup>56</sup> Dura como pedra! – ele comentou.

Pelo interesse dele no espetáculo, o pânico de Nettie a deixou. Ambos eram de grande importância. Falavam em murmúrios rápidos, inacabados, e foi sugestão do garoto que eles buscassem o jovem médico que vivia no térreo. Nettie apressou-se com ele. Ansiavam pelos holofotes do momento<sup>57</sup> em que dariam sua notícia de algo inconveniente, algo agradavelmente desagradável. Mrs. Morse tinha se tornado o veículo do drama. Sem desejar mal a ela, eles esperavam que seu estado fosse sério, que ela não os desapontasse estando acordada e normal quando voltassem. Um pouco de medo disso os determinou a fazer o melhor possível do presente estado dela.

---

<sup>55</sup> O termo original, “Negro”, caiu em desuso por ser considerado ofensivo. “Black”, por outro lado, é hoje mais aceito. Em português, a lógica parece ter sido a oposta: enquanto “negro” é o termo mais aceito pelas comunidades negras, “preto” é visto como ofensivo. Considerei a hipótese de traduzir o termo por “preto” para manter o estranhamento que “Negro” deve causar ao ser lido hoje em inglês, mas concluí que isso seria forçar demais a conotação pejorativa. Assim, acabei escolhendo a tradução mais literal, “negro.”

<sup>56</sup> As falas de Nettie e do garoto ascensorista são marcada pela oralidade de forma mais perceptível que as dos outros personagens. Aqui, por exemplo, ela diz “Jeez”, em vez de “Gee.” Por isso, traduzi como “putz”, e não como “poxa”, conforme fiz com os outros personagens.

<sup>57</sup> No original, “the limelit moment.” “Limelit”, o mesmo que “limelight”, refere-se à iluminação usada no teatro e musicais, traduzida literalmente por “ribalta.” Como o termo é bastante desconhecido em português, preferi outra forma. Cogitei usar “publicidade” ou “centro das atenções”, mas optei por uma palavra que também fizesse referência à iluminação, só que com um significado mais evidente, o que creio ter conseguido com “holofotes”, ainda que esses sejam outro tipo de luz.

“Questão de vida ou morte”, retornou a Nettie de sua reserva escassa de leitura. Ela considerou assustar o médico com a frase.

O médico estava em casa e não muito satisfeito com a interrupção. Ele vestia um roupão listrado amarelo e azul, e estava em seu sofá, rindo com uma garota escura, seu rosto escamado com pó barato, que empoleirava no ombro. Copos de highball meio vazios estavam ao lado deles, e o casaco e o chapéu dela estavam ordenadamente pendurados com a insinuação aconchegante de uma estadia longa. Sempre algo, o médico resmungava. Não podiam deixar a pessoa em paz depois de um dia duro. Mas ele colocou alguns frascos e instrumentos em uma maleta, trocou seu roupão por seu casaco e saiu com os negros.

– Vá logo, garotão – a garota chamou atrás dele. – Não leve a noite toda.

O médico andou ruidosamente até o apartamento de Mrs. Morse e até o quarto, Nettie e o garoto logo atrás dele. Mrs. Morse não tinha se mexido; seu sono era ainda profundo, mas silencioso, agora. O médico olhou incisivamente para ela, então mergulhou os polegares nas depressões de suas pálpebras, acima de seus globos oculares, e lançou seu peso sobre eles. Um grito alto, enjoado rompeu de Nettie.

– Parece que ele tá tentando empurrá ela direto través da cama – disse o garoto. Ele soltou um risinho.

Mrs. Morse não deu nenhum sinal sob a pressão. Abruptamente, o médico a abandonou, e com um movimento rápido varreu as cobertas para baixo, para o pé da cama. Com outro, atirou sua camisola para trás e levantou as pernas grossas, brancas, mapeadas de blocos de veias pequenas, cor de íris. Apertava-as repetitivamente, com beliscões longos, cruéis, atrás dos joelhos. Ela não despertou.

– O que ela tem bebido? – ele perguntou a Nettie, por cima do ombro.

Com a celeridade determinada de alguém que sabe exatamente onde pegar algo, Nettie foi ao banheiro, compelida ao armário onde Mrs. Morse mantinha seu uísque. Mas ela parou ao ver os dois frascos, com seus rótulos vermelho e branco, na frente do espelho. Trouxe-os para o médico.

– Ah, pelo amor do santo Senhor! – ele disse. Soltou as pernas de Mrs. Morse, e empurrou-as impacientemente para o outro lado da cama. – Aonde ela pensava que ia tomando essa porcaria? Engano amarelo e podre, é isso que uma coisa dessas é. Agora vamos ter que fazer uma lavagem, e tudo mais. Um transtorno, isso que essas coisas são; é a isso que levam. Vamos, George, desça comigo no elevador. Você espere aqui, empregada. Ela não vai fazer nada.

– Ela não vai morrer aqui comigo, né? – exclamou Nettie.

– Não – disse o médico. – Deus, não. Você não a mataria com um machado.

#### IV

Passados dois dias, Mrs. Morse voltou à consciência, atordoada em princípio, depois com uma compreensão que trouxe consigo a miséria lenta, saturante.

– Ah, Senhor, ah, Senhor – ela lamentava-se, e lágrimas por si mesma e pela vida desbravavam suas bochechas.

Nettie entrou ao ouvir o barulho. Por dois dias, ela tinha feito as tarefas feias, incessantes de cuidadora de alguém inconsciente; por duas noites, ela mal conseguiu pegar no sono no sofá da sala. Olhou friamente para a mulher grande, exausta na cama.

– O que cê tentou fazê, Mis Morse? – ela disse. – Que que é isso, tomá toda aquelas coisa!

– Ah, Senhor – lamentou-se Mrs. Morse, de novo, e tentou cobrir seus olhos com seus braços. Mas as juntas estavam rígidas e frágeis, e ela gritou ao senti-las doerem.

– Não tá certo isso, tomá esses comprimido – disse Nettie. – Você pode agradecê pros céus que cê tá aqui. Como se sente agora?

– Ah, me sinto ótima – disse Mrs. Morse. – Uma maravilha.

Suas lágrimas quentes, dolorosas caíam como se nunca fossem parar.

– Não adianta chorá agora – Nettie disse. – Depois do que cê fez. O médico, ele disse que podia prender você, fazendo uma coisa dessa. Ele estava puto da vida, aqui.

– Por que ele não me deixou em paz? Gemeu Mrs. Morse. – Por que porra não fez isso?

– Issé horrível, Mis Morse, xingando e falando des jeito – disse Nettie – depois do que as pessoa fizeram por você. Eu não dormi nada por duas noites, e tive que desisti de i nas minhas outras patroa!

– Ah, me desculpe, Nettie – ela disse. – Você é um amor. Desculpe ter lhe causado tanto problema. Não pude evitar. Eu só estava pra baixo. Você nunca pensou em fazer isso? Quando tudo parece horrível pra você?

– Eu num pensaria numa coisa dessa – declarou Nettie. – Você tem que se animá. Isso que você tem que fazê. Todo mundo tem seus problema.

– Aham – disse Mrs. Morse. – Eu sei.

– Chegô um cartão com uma foto bonita pra você – Nettie disse. – Talvez isso anime você.

Ela entregou a Mrs. Morse um cartão postal. Mrs. Morse teve que cobrir um olho com sua mão, para ler a mensagem; seus olhos ainda não estavam focando corretamente.

Era de Art. Atrás de uma imagem do Detroit Athletic Club, ele tinha escrito: “Cumprimento e saudações. Espero que você tenha perdido aquela tristeza. Anime-se e não vá tomar nenhuma poção milagrosa.<sup>58</sup> Vejo você na quinta.”

Ela largou o cartão no chão. A miséria a esmagou como se ela estivesse entre duas pedras grandes e lisas. Passou, diante de seus olhos, um cortejo bem devagar de dias socada em seu apartamento, de noites no Jimmy’s sendo gente boa, obrigando-

---

<sup>58</sup> No original, “don’t take any rubber nickels.” Literalmente, “rubber nickels” seriam moedas de borracha. A expressão, no entanto, significa “não se deixe enganar” ou “tenha cuidado.” No caso de Hazel, talvez, “não tome comprimidos inúteis.” Cogitei “não compre gato por lebre”, que passaria a ideia de “não se engane”, mas assim se perdera a ideia de não se *tomar* algo inútil. Por isso, escolhi “não vá tomar nenhuma poção milagrosa.” Apesar de não ser muito usual, “poção milagrosa” é geralmente usada para mostrar que não adianta esperar que uma única coisa faça milagres.

se a rir e a namorar<sup>59</sup> Art e outros Arts; ela viu um longo desfile de cavalos cansados e mendigos tremendo e todas as coisas surradas, forçadas, tropeçantes. Seus pés latejavam como se ela os tivesse atulhado nos sapatos atarracados, cor de champanhe. Seu coração parecia inchar e endurecer.

– Nettie – ela exclamou –, pelo amor de Deus, me serve uma dose?

A empregada parecia indecisa.

– Olhe, você sabe, Mis Morse – ela disse –, cê tava quase morta. Num sei se o médico ele já deixa você bebê alguma coisa.

– Ah, não dê bola pra ele – ela disse. – Me veja uma, e traga a garrafa. Tome uma você também.

– Bem – disse Nettie.

Ela serviu uma dose para cada uma, deferentemente deixando a sua no banheiro para ser tomada na solidão, e trouxe o copo de Mrs. Morse para ela.

Mrs. Morse investigou a bebida e estremeceu, afastando-a, ao sentir seu cheio. Talvez fosse ajudar. Talvez, ao se ficar nocauteado por alguns dias, a primeiríssima dose lhe desse uma levantada. Talvez o uísque voltasse a ser seu amigo. Ela rezou sem se dirigir a Deus, sem conhecer um Deus. Ah, por favor, por favor, deixe-a conseguir ficar bêbada, por favor, mantenha-a sempre bêbada.

Ela levantou o copo.

– Obrigada, Nettie – ela disse. – À sua saúde.

A empregada deu uma risadinha.

– É assim que se faz, Mis Morse – ela disse. – Se anime, agora.

– Aham – disse Mrs. Morse. – Claro.

## REFERÊNCIAS

---

<sup>59</sup> O original, “coo”, enquanto verbo, refere-se ao ato dos pombos fazerem barulho, ao som que emitem. Partindo disso, também pode significar “murmurar” (como os pombos) ou, metaforicamente, “namorar.” A última alternativa me parece a tradução mais aceitável de acordo com o contexto.

Parker, Dorothy. Big Loira. In: \_\_\_\_\_. *Big loira e outras histórias de Nova York*. Tradução de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 87-118.

\_\_\_\_\_. Loura e grandalhona. Tradução de Esther Mesquita. In: Moraes, Vinicius de (Coord.). *Contos norte-americanos: os clássicos* (1974). Vários tradutores. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 316-335.

\_\_\_\_\_. Big Blonde. In: \_\_\_\_\_.; Meade, Marion (Ed.). *The Portable Dorothy Parker*. New York: Penguin Classics, 2006, pp. 187-210.